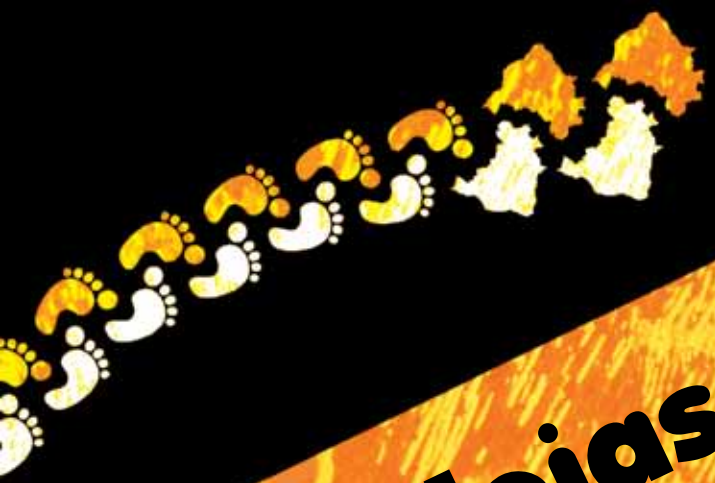
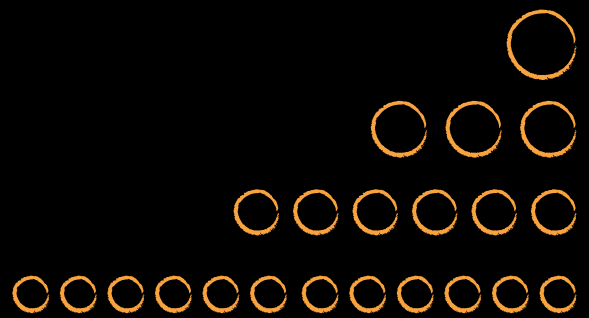
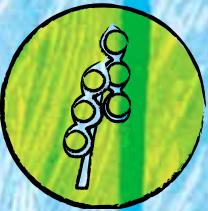
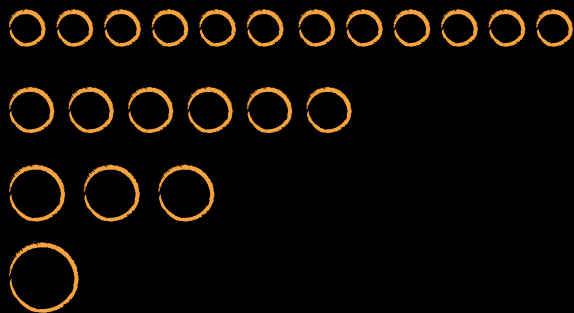




Cadeias Produtivas & Trabalho Escravo

Cana - Carne - Carvão - Soja - Babaçu





Expediente

**CADEIAS PRODUTIVAS E TRABALHO ESCRAVO
CANA-DE-AÇÚCAR, CARNE, CARVÃO, SOJA E BABAÇU**

**ORGANIZAÇÃO
ONG Repórter Brasil**

**APOIO
Catholic Relief Services**

**PROJETO GRÁFICO
Gustavo Ohara**

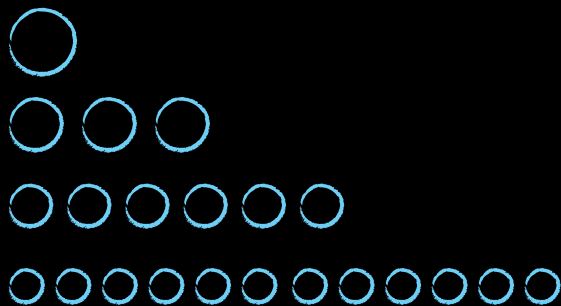
**EQUIPE DO “ESCRAVO, NEM PENSAR!”
Carolina Motoki
Cibele Lima
Fabiana Vezzali
Thiago Casteli**

**EQUIPE DE PESQUISAS EM CADEIAS PRODUTIVAS
André Campos
Carlos Juliano Barros
Mauricio Monteiro Filho**

**COORDENAÇÃO GERAL DA ONG REPÓRTER BRASIL
Leonardo Sakamoto**

www.escravonempensar.org.br

*Impresso no Brasil
1.500 exemplares
Distribuição gratuita
2011*



Afinal, o que é cadeia produtiva?

De onde vêm os produtos que você consome? Você pensa sobre isso? Presta atenção aos rótulos, reparando nos ingredientes que cada um leva em sua composição? Calcula quantas pessoas e matérias-primas foram envolvidas na produção dessas mercadorias?

É difícil gastarmos tempo imaginando o trajeto percorrido por um sabonete ou um filé de carne bovina até chegar a nossas casas. No entanto, conhecer a origem do que compramos pode nos ajudar a entender bastante sobre o que está envolvido em sua produção.

Cada item que adquirimos no supermercado é o final de uma longa corrente, cheia de elos. Ela é chamada de **cadeia produtiva**, **cadeia de valor** ou **cadeia de suprimento**. Basicamente, ela nos ajuda a entender toda a história de um produto, desde o momento em que ele era apenas matéria-prima, passando pelo beneficiamento, intermediários comerciais, até atingir o varejo ou o mercado externo.

Por que estudar cadeias produtivas?

Uma das vantagens de estudar essas cadeias é conhecer melhor a qualidade do que compramos, orientando-nos a fazer compras mais conscientes. Mais importante ainda: ter informações sobre as cadeias produtivas do que vai parar na nossa mesa de refeições permite que não compactuemos com graves problemas sociais e ambientais que muitas vezes ocorrem na produção das mercadorias.

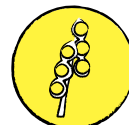
Cada vez mais é comum descobrirmos que o tomate com que faremos o molho do macarrão é carregado de agrotóxicos, altamente prejudiciais à saúde. Ou que a soja, do óleo que usamos para frituras, veio de fazendas que desmataram ilegalmente grandes quantidades de mata nativa no Cerrado.

E as cadeias de alimentos são simples, se comparadas às de bens duráveis. Um carro, por exemplo. Você imagina que uma linha de produção cheia de tecnologia como a de um carro pode envolver a utilização de mão de obra escrava em alguma etapa? Dificilmente haverá escravos nas grandes fábricas automotivas, mas, se olharmos mais atrás na cadeia, encontraremos um produto que pode ter surgido a partir do trabalho de escravos. O aço que compõe o chassi dos veículos necessita de ferro-gusa. Para fabricar esse ferro-gusa, é preciso carvão vegetal. Pode ser que não haja trabalho escravo nas fábricas automotivas, mas cada vez mais ouvimos falar de casos graves de exploração de trabalhadores nas carvoarias da Amazônia.

O problema é que é muito difícil saber de tudo isso. Não é justo esperar apenas que os consumidores conheçam todas as cadeias de valor de todos os produtos que comprem, e se informem se há problemas em cada uma delas. Essa é também uma responsabilidade dos produtores e da sociedade civil organizada.

Sustentabilidade e consumo

Há duas décadas, ficou muito famoso o conceito de **desenvolvimento sustentável**. A definição clássica diz: é o tipo de desenvolvimento em que as gerações atuais satisfazem todas as suas necessidades sem comprometer a capacidade das próximas gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades. Ou seja, precisamos não apenas estar atentos às demandas presentes, mas também pensar no futuro do planeta e das sociedades, de forma a garantir que os recursos se renovem numa velocidade suficiente para que não se esgotem.



Sabemos bem que não é isso o que anda ocorrendo. Diante disso, especialistas do mundo todo se dedicam a pensar em soluções. Muitas delas acabaram desembocando na ideia de que o consumidor será o responsável pela mudança. Isto é, se os consumidores tomarem decisões de compra inteligentes, pensando no planeta e nas gerações futuras, evitando comprar produtos que destruam a natureza ou agredam os trabalhadores, tudo ficará bem.

A essa noção, dá-se o nome de **consumo consciente**. E se trata de um conceito controverso. Em um plano ideal, poderia até funcionar. Porém, tudo no mundo atual estimula as pessoas a comprarem sem parar. A mídia, a propaganda, o crédito acabam gerando uma febre consumista que está colocando em xeque a capacidade de regeneração do planeta. Além disso, não temos informação suficiente para tomar a decisão de compra conscientemente. Hoje já podemos conferir as calorias de uma fatia de pão ou quanta gordura trans ela tem, mas não sabemos de onde veio o trigo utilizado em sua produção, quantos trabalhadores foram envolvidos, se eles tiveram carteira assinada, se a lavoura foi aberta respeitando a legislação ambiental.

Somente com essas informações poderíamos fazer a nossa parte, como consumidores. Estrategicamente, as empresas produtoras de alimentos não revelam as fontes de seus produtos e não facilitam a identificação de suas cadeias produtivas. Por isso, algumas organizações da sociedade civil optam pela expressão **consumo responsável**. Para muitas delas, falar em consumo consciente é jogar nas costas do consumidor uma responsabilidade que ele não tem como exercer sozinho. Consumo responsável, por outro lado, implica que o consumidor faça a sua parte, mas que as empresas também façam a sua, abrindo o jogo sobre as origens de seus produtos. E, claro, eliminando os problemas que forem identificados em suas cadeias produtivas.

Em busca dos elos da cadeia

Desde 2003, a Repórter Brasil mapeia as cadeias produtivas do trabalho escravo. Com base nas “listas sujas” do Ministério do Trabalho, identificamos os produtores e segmentos econômicos que utilizaram mão de obra escrava.

A criação da “lista suja” possibilitou que fosse firmado o **Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo**, coordenado por Repórter Brasil, Instituto Ethos, Instituto Observatório Social e Organização Internacional do Trabalho, e assinado por empresas que se comprometeram a não comprar produtos que tenham trabalho escravo em sua cadeia produtiva.

Na “lista suja” de dezembro de 2010, a pecuária bovina está à frente entre as atividades que utilizaram trabalho escravo, e responde por 48% das 220 fazendas dessa atualização, seguida pelo carvão, com 16,3% dos casos.

Todos os casos retratados nesta cartilha são públicos, e foram divulgados pela imprensa ou por estudos como o Conexões Sustentáveis, da Repórter Brasil e Papel Social Comunicação.

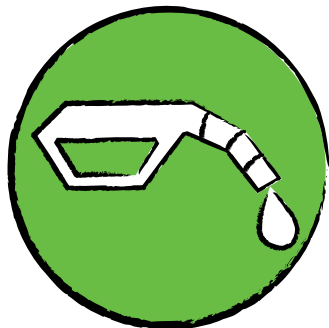
O que é trabalho escravo?

“Fui tratado pior do que animal”. É assim que muitos trabalhadores definem sua situação de escravidão. Hoje, o que determina se uma pessoa é ou não escravizada são as condições de trabalho a que é submetida: o alojamento precário, a falta de saneamento e de higiene no local, a comida insuficiente, a jornada exaustiva, a violência física e psicológica. É o chamado trabalho degradante, que retira a **dignidade** do trabalhador. Além disso, o trabalhador pode acabar aprisionado pelas correntes “modernas”. Uma delas é a dívida ilegal. Tudo o que ele consome na fazenda é anotado no caderninho – comida, produtos de higiene, alojamento, equipamentos de proteção e até instrumentos de trabalho – e é preciso pagá-la para poder deixar o local de trabalho. Outras formas de retirar a **liberdade** do trabalhador são a retenção de salário, a retenção de documentos, o isolamento geográfico e as ameaças físicas e psicológicas. De 1995 a 2010, 38 mil escravos foram libertados no Brasil pelo grupo móvel do Ministério do Trabalho. Os empregadores flagrados têm seu nome publicado na chamada “lista suja” e são impedidos de terem acesso a financiamentos de bancos públicos e de alguns privados.

O “caso Gameleira”

Em 2001, o Ministério do Trabalho e Emprego resgatou 318 cortadores de cana em condições desumanas na **Destilaria Gameleira** – hoje controlada pela Destilaria Araguaia –, em Confresa (MT). O não pagamento de salários e jornadas excessivas de trabalho foram alguns dos problemas identificados. A empresa foi incluída, em 2003, na “lista suja” do trabalho escravo, de onde saiu definitivamente apenas em 2008.

A destilaria é um dos empreendimentos do grupo **EQM**, que também controla a Usina Cucaú Açúcar e Álcool – situada em Rio Formoso (PE).



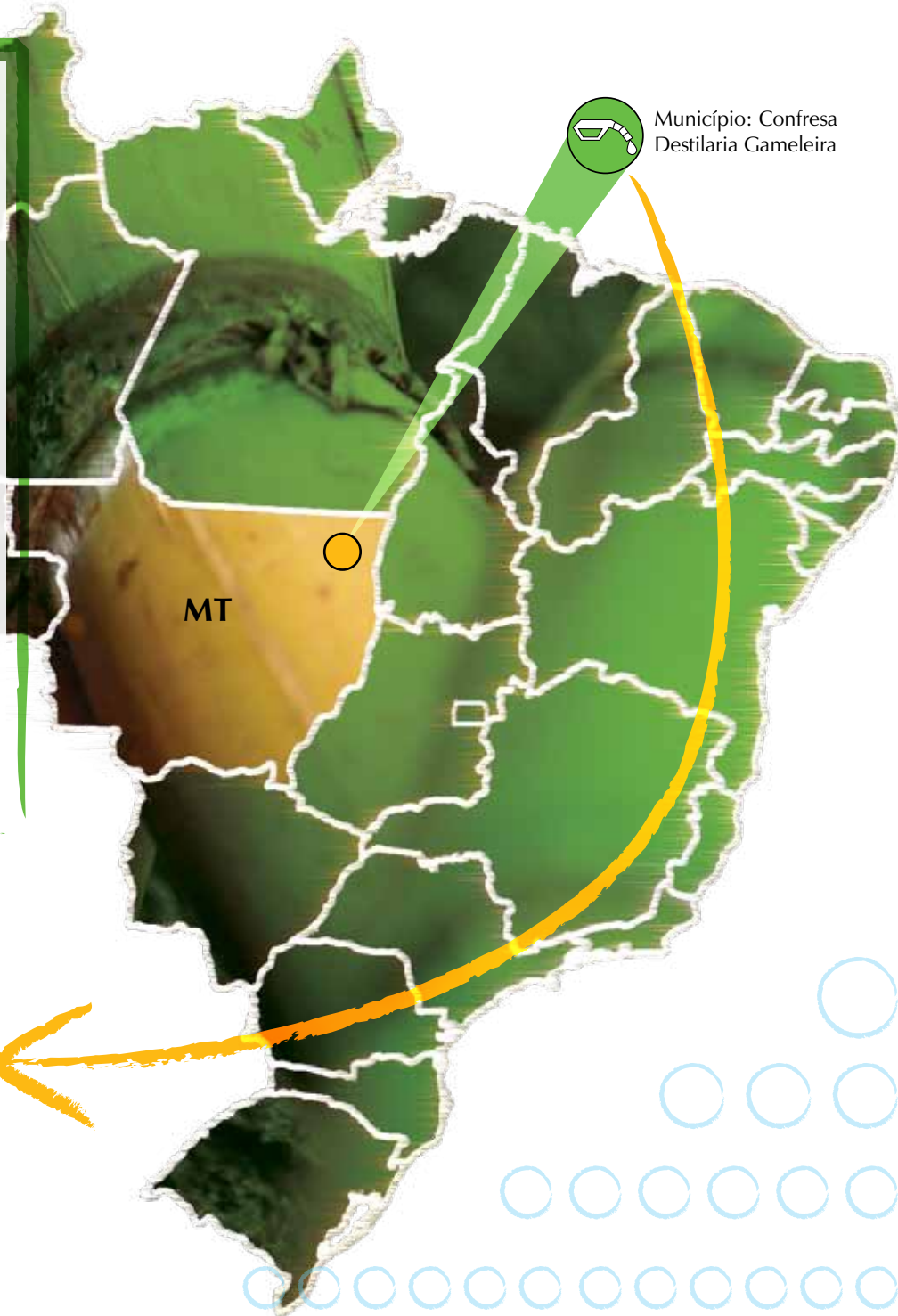
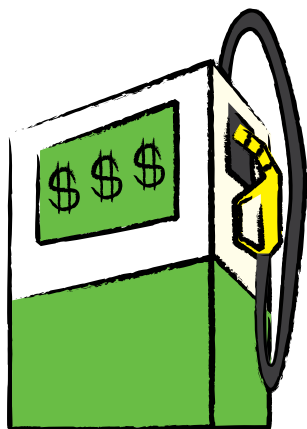
Leonardo Sakamoto

Fiscalização do Grupo Móvel do Ministério do Trabalho e Emprego

Os clientes

A Repórter Brasil identificou, em 2004, importantes distribuidoras de combustível adquirindo o etanol produzido pela Destilaria Gameleira: **Petrobras, Shell, Texaco, Ipiranga, Total e PDV do Brasil** – pertencente à estatal venezuelana **PDVSA**. O produto era fornecido principalmente a postos de gasolina do Norte e do Nordeste, para o abastecimento de automóveis dessas regiões.

Diante do alerta gerado pela ONG, algumas dessas empresas – Petrobras, Shell, Texaco e Ipiranga – comprometeram-se publicamente a não mais adquirir produtos da empresa enquanto ela estivesse na “lista suja”. Hoje, fazem parte do Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo e consultam a “lista suja” antes de fazer negócios.





Mais problemas

Mesmo após ser incluída na “lista suja”, a Destilaria Gameleira – atual Destilaria Araguaia – foi novamente flagrada praticando trabalho análogo ao escravo. Outras três fiscalizações – em 2003, 2005 e 2009 – libertaram 1,3 mil trabalhadores na empresa.

Em 2005, veículos de mídia divulgaram que o então presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti (PP-PE), fez lobby junto a distribuidoras para que elas retomassem negócios com a destilaria. Ele não conseguiu convencer essas empresas, mas outras do setor – que não se preocupavam com a questão – continuaram adquirindo álcool da usina mesmo enquanto ela esteve na “lista suja”.

Um planta, muitos produtos

Juntamente com o álcool, o açúcar é o principal produto da cana brasileira. Ambos são vendidos no mercado interno e no exterior.

Também vêm da matéria-prima outros subprodutos, como o melaço, a rapadura, a aguardente, a vinhaça – usada na produção de fertilizantes –, a levedura – componente de rações animais – e os óleos fúseis, que geram, por exemplo, solventes.

Além disso, o bagaço da cana é utilizado na geração de energia elétrica, consumida pelas próprias usinas e também por outras empresas.

Carlos Juliano Barros



Cana-de-açúcar: foco de trabalho escravo

Incentivada por políticas de promoção do etanol, praticamente dobrou a área ocupada por canaviais no Brasil nos últimos dez anos. Cresceram juntamente os flagrantes de violações trabalhistas e humanitárias àqueles que atuam não somente no corte, mas também no plantio da cana-de-açúcar.

Entre 2003 e dezembro de 2010, segundo dados compilados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), mais de 10 mil trabalhadores da cana foram libertados da escravidão pelo governo federal – cerca de 28% do total de resgatados. O ramo de atividade só ficou atrás da pecuária em número de pessoas libertadas.

Pecuária

A criação de bois é atividade recordista de trabalho escravo no Brasil tanto em número de libertados – mais de 10,3 mil nos últimos sete anos – quanto em empregadores autuados.

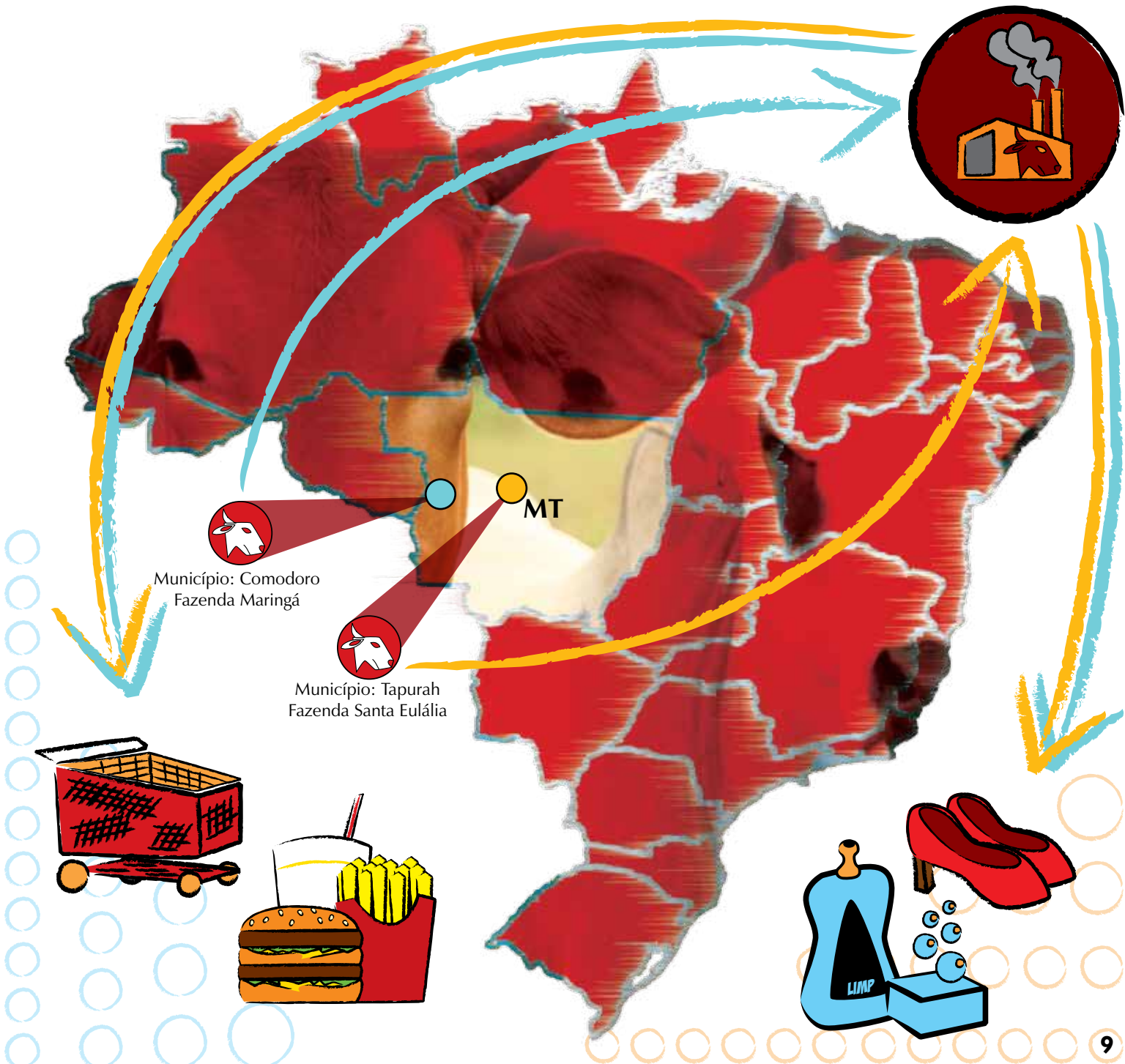
Antenor Duarte do Valle e Renato Bernardes Filgueiras são dois exemplos dessa realidade. Em 2007, enquanto integravam a “lista suja”, ambos venderam animais para a unidade de Tangará da Serra (MT) do **Marfrig**, o quarto maior produtor mundial de carne.

O frigorífico fornece às principais redes varejistas do país (como, por exemplo, **Carrefour**, **Walmart** e **Pão de Açúcar**) e também a redes de lanchonetes como o **McDonald's**. Outros subprodutos importantes do setor frigorífico são o couro e o sebo bovino – utilizado para fazer biodiesel e produtos de higiene e limpeza.

As três grandes redes varejistas assinaram o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo e têm descredenciado frigoríficos que comprem de fazendas problemáticas. O McDonald's e o Marfrig também assinaram o pacto após serem alertados sobre os problemas.



Gustavo Ohara



Carvão

Entre 2003 e dezembro de 2010, de acordo com a CPT, foram libertados no Brasil 2,3 mil trabalhadores que produziam carvão vegetal. A maior parte do insumo é feito a partir de matas nativas e destina-se às siderúrgicas. Utilizando o carvão, elas fabricam o ferro-gusa, matéria-prima para fazer o aço e também peças de ferro fundido.

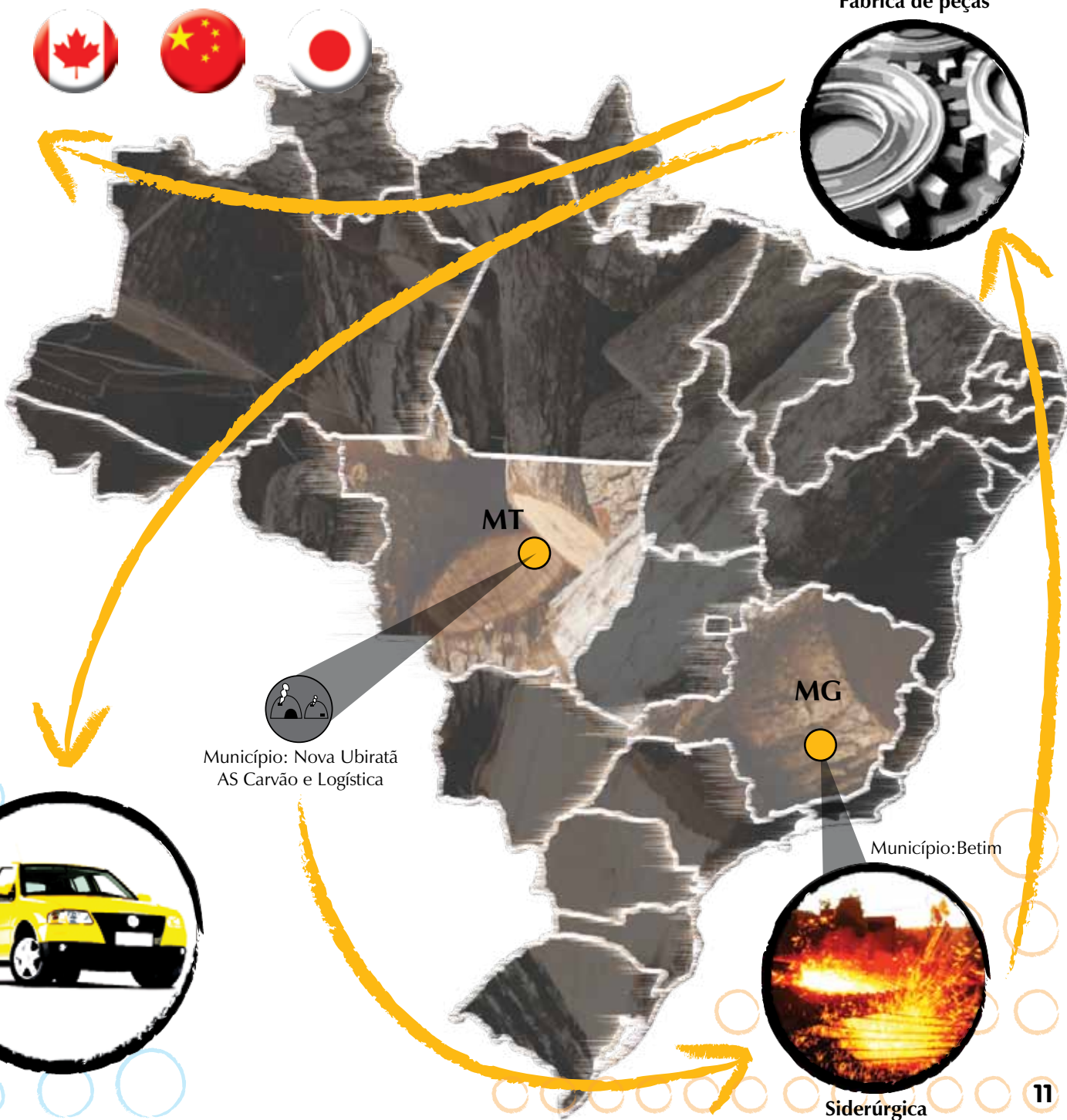
A **Metalsider**, de Betim (MG), é uma destas indústrias. Em 2009 e 2010, ela foi identificada como cliente da empresa **AS Carvão e Logística**. Na fazenda Santa Terezinha, propriedade da AS em Nova Ubiratã (MT), 9 trabalhadores foram libertados.

A Metalsider tem histórico de negócios com a **Teksid do Brasil**, empresa do grupo Fiat também situada em Betim, que fornece autopeças para montadoras de veículos do Brasil, entre elas, a própria **Fiat**, a **Ford**, a **Toyota**, a **Volkswagen** e a **Honda**. A Teksid também fornece para empresas em outros países: Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Canadá, França, China, Japão e Argentina.



Carlos Juliano Barros

Fábrica de peças



MT



Município: Nova Ubiratã
AS Carvão e Logística

MG

Município: Betim



Siderúrgica

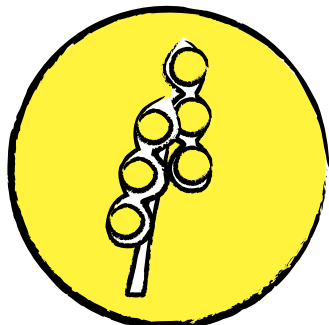
Soja

A soja é crucial na alimentação de bois, porcos e aves. Além disso, cresce o consumo humano direto de produtos que utilizam soja, como comidas processadas – sucos, salsichas, iogurtes, etc. – ou materiais de higiene e limpeza. Há também plásticos feitos de soja e, no Brasil, ela é a principal matéria-prima do biodiesel que abastece caminhões e ônibus.

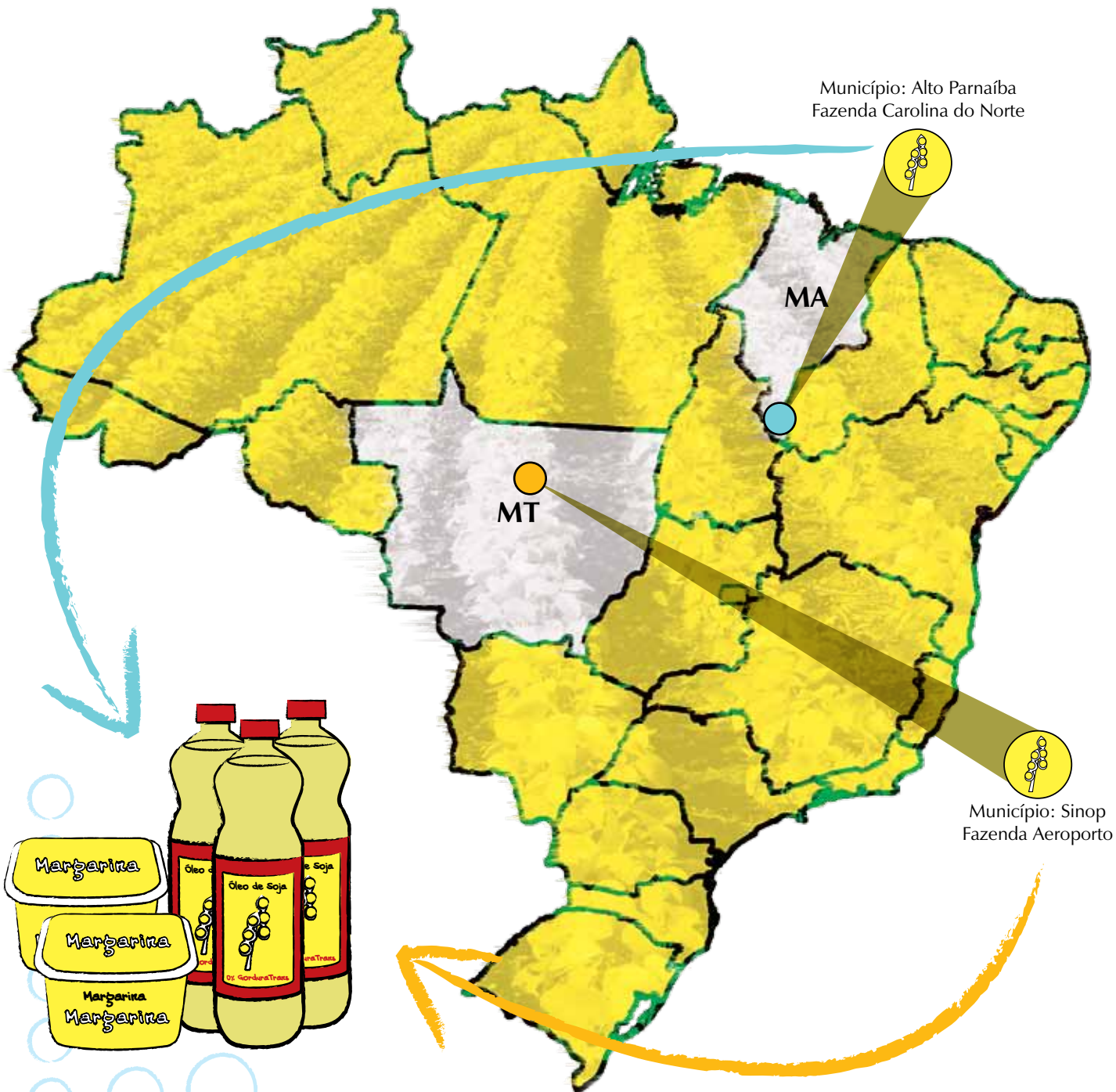
Exemplos de trabalho escravo em plantações do grão remetem, por exemplo, aos fazendeiros Fernando Ribas Taques e Leandro Mussi. Em 2007, enquanto estavam na “lista suja”, ambos venderam soja à **Bunge**, a maior empresa do agronegócio no Brasil.

A partir do grão, a Bunge fabrica óleos, margarinas e azeites, vendidos através de importantes marcas como **Delícia, Primor, Soya, Cyclus e Salada**. Além disso, ela também exporta o insumo a indústrias de outros países.

A Bunge havia se comprometido a cortar comercialização com fazendas da “lista suja” quando aderiu ao Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo em 2006.



Antonio Biondi



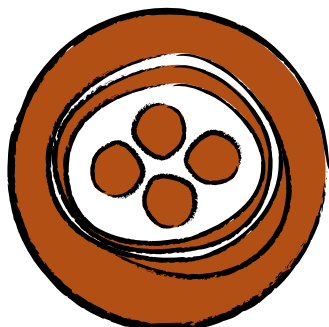
Babaçu

Em 2004, 174 trabalhadores – entre eles 32 mulheres e 18 adolescentes – foram libertados do trabalho escravo na região de Cachoeirinha (TO), enquanto coletavam o coco do babaçu para a **Tobasa** Bioindustrial de Babaçu S/A.

Típico da região, o babaçu gera diversos insumos, como o carvão feito a partir da casca do coco. Mas é o óleo extraído da semente – utilizado em xampus, sabões, detergentes, etc. – o principal subproduto industrial da planta.

Um dos clientes da Tobasa era a **Química Amparo** – fabricante do detergente **Ypê**, entre outros produtos de limpeza. Depois disso, a empresa comprometeu-se a utilizar a “lista suja” como referência para vetar negócios com escravagistas e aderiu ao Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo.

A Tobasa também fabrica carvão granulado de babaçu, utilizado em filtros de água. O grupo **Europa** – dos filtros Europa – e a empresa **Cuno Latina**, pertencente à multinacional **3M**, foram dois clientes identificados neste segmento.

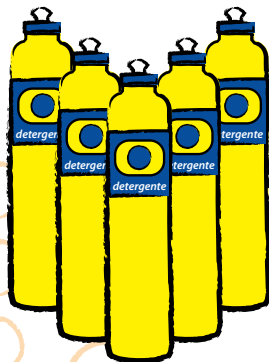


André Campos

Município: Tocantinópolis
Tobasa



TO





Com a mão na massa



Além de apresentar alguns casos que nos mostram a relação entre trabalho escravo e os produtos que consumimos diariamente, a proposta desta cartilha é também sugerir duas atividades sobre o tema para levantar a reflexão em sua comunidade ou escola.

Elas foram pensadas para serem realizadas em um encontro da comunidade. Apesar disso, ao longo delas, há quadrinhos específicos para educadores e educadoras incrementarem o trabalho em sala de aula com ideias didático-pedagógicas, o que pode estendê-la por algumas aulas.

As atividades não são “modelos prontos”, ou seja, é importante que você pesquise, crie, adapte, transforme e proponha coisas novas de acordo com seu conhecimento e sua realidade.

A equipe do “Escravo, nem pensar!” ficará muito contente em receber suas sugestões, que também podem ser compartilhadas com outras pessoas em nosso site: www.escravonempensar.org.br. Nele, estão disponíveis atividades sobre outros temas.

1 Qual a história das coisas que consumimos?

Pauta da atividade: O objetivo é refletir sobre a origem e o processo de produção daquilo que consumimos diariamente: como os produtos podem estar “contaminados” por graves problemas, como o trabalho escravo?

Materiais necessários: Revistas para recortar, papel e canetões coloridos.

- Disciplinas: História, Geografia, Sociologia, Estudos Amazônicos, Ciências.
- Pode ser realizada em qualquer série, desde que o(a) educador(a) faça adaptações.
- 2 a 3 aulas

Apresentação

Para levantar a discussão das cadeias produtivas com sua comunidade ou com seus alunos e alunas, você pode fazer uma atividade simples utilizando qualquer um dos casos apresentados nesta cartilha. A ideia é mostrar as etapas de produção para perceber que aquilo que consumimos pode ter sido produzido com trabalho escravo.

Para aprofundar o debate e relacionar à vida cotidiana dos participantes da atividade, você pode escolher uma das cadeias que tenha mais relação com a região onde vivem.



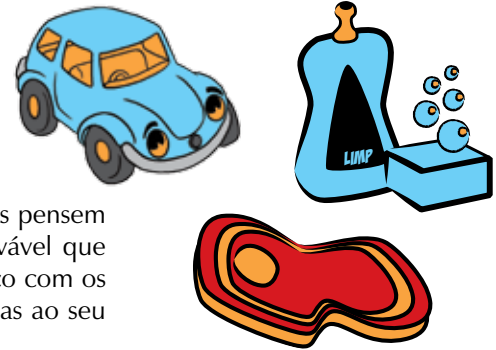
Primeiro passo: pensando sobre os produtos

A) Vamos iniciar apresentando aos participantes da atividade algumas ilustrações, que podem ser desenhos feitos por você ou recortes de revista: carro, posto de combustível, carne, margarina, detergente. A ideia é escolher um dos produtos das cadeias produtivas desta cartilha.

Estes produtos fazem parte de nossa vida? Sugira que os participantes pensem em tudo que vem à mente quando falamos de um desses objetos. É provável que eles imaginem coisas como viajar de carro com a família, fazer um churrasco com os amigos, comer um pão quentinho, lavar a louça, ou seja, coisas relacionadas ao seu consumo e não à sua produção.

B) Depois, você pode lançar outra questão: *de que são feitos estes produtos? Como eles são produzidos?* Esta pergunta pode ser mais difícil de ser respondida. Alguém no dia-a-dia imagina, por exemplo, que um automóvel tem em sua origem o carvão muitas vezes produzido com o suor do trabalhador e a destruição de nossas matas? Estimule os participantes a pensarem sobre de que os produtos são feitos e como.

A ideia é retomar a **história das coisas**: qual o caminho percorrido pelos produtos que recebemos prontinhos nos mercados? Como eles foram fabricados?



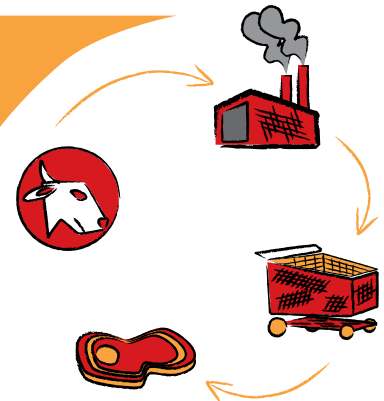
Este pode ser o mote de uma pesquisa a ser realizada por alunos e alunas.



Segundo passo: as cadeias produtivas

A) Para dar continuidade à discussão, você pode aproveitar desenhos ou recortes de revistas ou jornais para montar as cadeias dos produtos. Por exemplo, no caso da CARNE ficaria assim:

Monte a cadeia com a ajuda da turma, tendo como base a pesquisa realizada. Você pode optar por um dos produtos que mais se relacione com a sua região. Por exemplo, se sua região é produtora de gado, opte pela carne. Se tem muitas carvoarias ou siderúrgicas, opte pelo carro.



B) Depois de montar a cadeia, levante a seguinte pergunta: *sentem falta de algum elemento nesta rede?*

Consumimos tantos produtos no nosso dia-a-dia sem nos darmos conta de que eles têm em sua composição elementos da natureza e muito **trabalho** por detrás deles. Se repararmos na cadeia da carne, ilustrada anteriormente, falta um elemento principal: o trabalhador. Em todas as etapas do processo, há o trabalho humano. Mesmo que a produção seja mecanizada, houve muito trabalho anterior para chegar àquela tecnologia.

Por exemplo, já paramos para pensar que a parede branca e lisinha da nossa casa ou da sala de aula contém uma alta e complexa quantidade de trabalho? Construções como essas são frutos de um trabalho pensado, planejado, repleto de tecnologias que foram cultural e historicamente desenvolvidas (elementos: argamassa, cimento, tijolo, cal, tinta, técnicas de fazer o reboco, cálculos, quantidades corretas, cores, etc.) e que envolvem um conhecimento que não é dominado por todos. Algo tão simples como uma parede cristaliza processos longos e complexos, repletos de elementos diferentes.

Além do trabalho original na fazenda ou na catação do coco babaçu, há trabalho nas máquinas, nas paredes da fábrica, na energia gasta... Também há a imensidão de recursos naturais que foram consumidos e a possível expulsão de comunidades para a implantação de grandes projetos agropecuários ou de mineração, para a construção de barragens de hidrelétricas, para a construção de estradas e ferrovias... O exercício que se pode fazer é infinito!

Você pode sugerir que os participantes façam desenhos de trabalhadores ou pesquisem em revistas e coleem essas imagens junto à cadeia montada anteriormente.



Terceiro passo: trabalho escravo

A) Aproveite para discutir sobre o trabalho com os participantes. *Que papel o trabalho desempenha em sua vida?*

Se seus alunos e alunas ainda não trabalham, você pode sugerir uma entrevista com familiares e vizinhos que tenham diferentes ocupações.

É provável que as pessoas tragam afirmações positivas sobre seu **trabalho**, como dignidade, sobrevivência, independência, etc.

O trabalho é uma atividade vital para o ser humano e o diferencia dos outros animais, devendo ser motivo de satisfação e dando significado à sua existência. Por pensar e refletir sobre si e sobre seu trabalho, o ser humano é capaz de criar e recriar a realidade social e construir a si próprio e a sua individualidade. No entanto, o trabalho que deveria transformar a natureza e criar vida, hoje, em muitos casos, acaba prejudicando o trabalhador.

A questão da baixa remuneração, a necessidade de sempre trabalhar, a competição no mercado de trabalho e a exploração ocultam o sentido do prazer, do gosto do fazer e da criatividade que estão associados ao trabalho.

Dependendo das condições históricas, em vez de produzir riquezas materiais e espirituais, **o trabalho pode produzir infelicidade e pobreza**. A pessoa se sente muitas vezes uma coisa ou uma mercadoria. Por exemplo, em uma fábrica, um operário pode produzir uma peça de um celular sem saber como se dá todo o processo de produção; na nossa vida cotidiana às vezes temos que realizar tarefas que nos parecem sem sentido, etc.

O trabalho escravo é um desses casos e está presente no processo de produção de muito do que consumimos no nosso dia-a-dia.

No site da Repórter Brasil, você encontra reportagens e documentos sobre trabalho escravo para estudar com a sua comunidade ou sua turma na escola. Acesse: www.reporterbrasil.org.br

B) O que é trabalho escravo?

Com base no texto desta cartilha (página 4), você pode discutir com os participantes o que é o trabalho escravo. Nesse tipo de exploração, o patrão arranca do trabalhador dois direitos essenciais do ser humano: a **liberdade** e a **dignidade**. O trabalho, no lugar de garantir à pessoa uma vida melhor, acaba perpetuando sua situação de pobreza.

Em nosso site você encontra uma atividade específica sobre trabalho escravo, se quiser aprofundar o conceito com sua turma: www.escravonempensar.org.br

Veja na tabela abaixo os casos de trabalho escravo e a quantidade de trabalhadores libertados em cada atividade. Os casos citados nesta cartilha estão em negrito. O babaçu está dentro de “Extrativismo” e a soja em “Outras lavouras”.

POR ATIVIDADE 2003 a 2010	CASOS	%	TRABALHADORES LIBERTADOS	%
DESMATAMENTO	96	4,8%	1.822	5,2%
PECUÁRIA	1.162	58,2%	10.357	29,5%
REFLORESTAMENTO	50	2,5%	767	2,2%
EXTRATIVISMO	11	0,6%	375	1,1%
CANA	65	3,3%	10.010	28,5%
OUTRAS LAVOURAS	230	11,5%	6.359	18,1%
CARVÃO	200	10%	2.346	6,7%
MINERAÇÃO	23	1,2%	164	0,5%
OUTROS	161	8,1%	2.868	8,2%
TOTAL	1.998	100%	35.068	100%

fonte: CPT

Ainda é muito difícil saber a procedência daquilo que consumimos e rastrear seu trajeto comercial. Apesar disso, há algumas iniciativas que merecem destaque.

O Ministério do Trabalho e Emprego criou em 2003 a “**lista suja**”, um cadastro dos empregadores flagrados com trabalho escravo. Com base nela, empresas podem consultar se seus fornecedores utilizaram mão de obra escrava e então repensar suas relações comerciais. Qualquer pessoa com acesso à internet pode acessar a relação, que é pública, e conferir se há alguma propriedade localizada em sua região.

Como também vimos nesta cartilha, a partir da “lista suja” foi firmado o **Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo**. Aderiram a ele as empresas que se comprometem a não comprar produtos que tenham trabalho escravo em sua cadeia produtiva.



Sugestões de sites

⊕ Lista suja do trabalho escravo

[*www.reporterbrasil.org.br/listasuja/resultado.php*](http://www.reporterbrasil.org.br/listasuja/resultado.php)

Você pode conferir o cadastro de empregadores flagrados com mão de obra escrava.

⊕ Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo

[*www.pactonacional.com.br*](http://www.pactonacional.com.br)

⊕ Documentos para pesquisa sobre trabalho escravo

[*www.reporterbrasil.org.br/conteudo.php?id=3*](http://www.reporterbrasil.org.br/conteudo.php?id=3)

Entre estes documentos, há arquivo que mostra as estatísticas relacionadas às libertações de trabalhadores, compiladas pela Comissão Pastoral da Terra.



2 Onde ficam o lucro e os impactos da produção?

Pauta da atividade: O objetivo é refletir sobre a lucratividade das diversas etapas das cadeias produtivas e seus impactos.

Materiais necessários: Um mapa mundi, recortes de revistas ou desenhos (canetinha ou lápis de cor), cartolina, fita adesiva.

- Disciplinas: História, Geografia, Sociologia, Estudos Amazônicos, Ciências e Matemática.
- Série: Ensino Médio e EJA
- 2 aulas

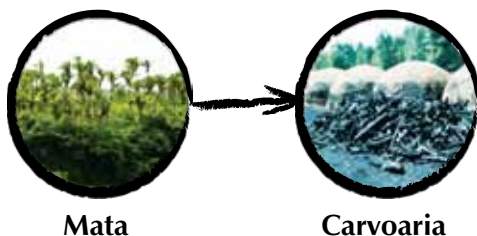
Apresentação

Como vimos, é cada vez mais frequente a ideia de que, se dermos continuidade ao padrão de consumo da atualidade, especialmente se os países ricos continuarem consumindo tanto, serão necessários mais de quatro planetas Terra para suprir a necessidade de recursos naturais. Ou seja, cresce a possibilidade de enfrentarmos sérios problemas com a falta de água, de florestas, de energia, etc. etc. Ainda assim, as regiões onde esses recursos ainda são abundantes têm sido cobiçadas por empresas e governos para atender essas demandas.

Que lugar o Brasil ocupa neste sistema? E a região onde vivo? Quais são os impactos locais provocados pelo consumo mundial? Onde fica o lucro disso tudo? É dessas questões e dos casos apresentados nesta cartilha que parte esta atividade. Vamos tomar como exemplo o caso do carvão (páginas 10 e 11), mas você pode escolher qualquer um dos produtos de acordo com a realidade de seu município, região ou Estado.

Primeiro passo: onde está o lucro?

A) Para responder à pergunta acima, vamos fazer um exercício com algumas ilustrações. Você pode colar recortes de revista em um pedaço de cartolina, procurar imagens da internet ou mesmo desenhar. A ideia é montar a cadeia do carvão junto com os participantes da atividade. A sugestão é começar com o desenho de uma carvoaria. *De que o carvão é feito?*



Depois de pensar que a maior parte do carvão produzido hoje vem das **matas nativas**, sejam da Amazônia ou do Cerrado brasileiros, é hora de fazer a seguinte pergunta: *para onde vai tanto carvão?* É o momento de completar a cadeia, sempre com a contribuição dos participantes:



B) Depois de montar a sequência ilustrada, você pode pegar um mapa mundi ou um globo e localizar as diversas etapas de produção de acordo com o caso, como abaixo:



No caso do carvão, aproveite para acrescentar à cadeia a montadora de veículos no exterior, pois, como vimos na cartilha, as peças vão para diversos países do mundo: Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Canadá, França, China, Japão e Argentina.

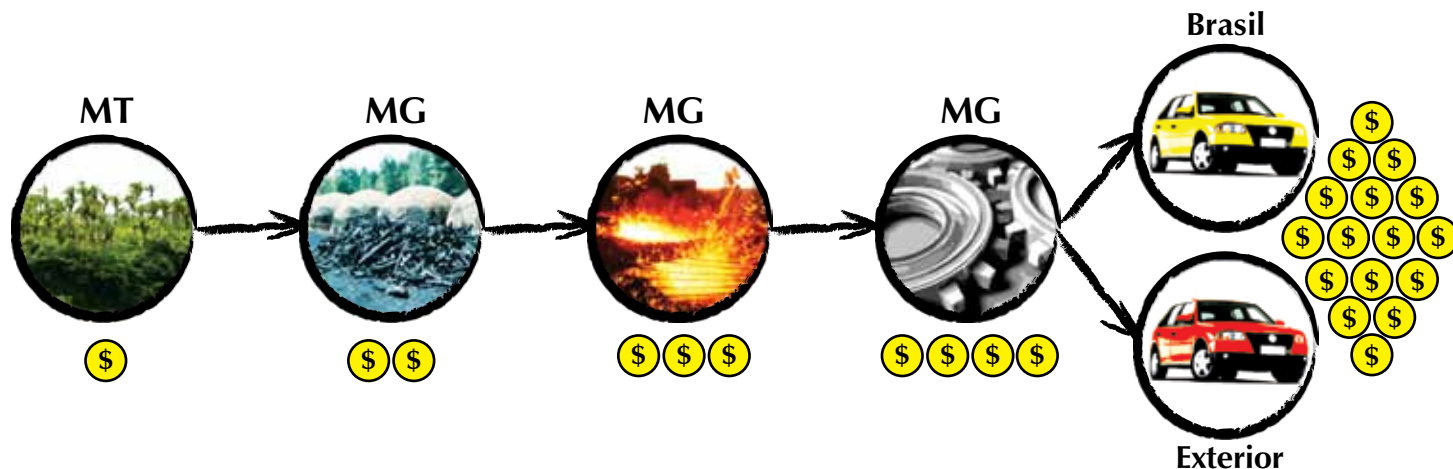
Ao mesmo tempo em que localiza os lugares no mapa, você pode colocar, ao lado das ilustrações, o Estado ou país onde cada etapa é realizada. Esse exercício dará a **dimensão geográfica** da cadeia, colocando sua região inserida em determinada etapa de produção.

⊕ É importante que você escolha o produto de acordo com a especificidade de sua região. Caso seu Estado não esteja contemplado nesta cartilha, procure saber qual produção se destaca e que papel o local desempenha nos diversos processos produtivos.

Esta pode ser uma oportunidade de alunos e alunas pesquisarem qual produto tem maior destaque na região onde vivem e refletirem sobre a produção e o consumo.

Neste momento, também podemos estabelecer comparações com outras cadeias produtivas. *O Brasil acaba fornecendo para o restante do mundo mais matérias-primas (subprodutos) ou produtos industrializados? Que papel o país desempenha?*

C) Agora podemos fazer a seguinte pergunta: *em qual destas etapas o produto tem mais valor? Com quem fica a maior parte do lucro?* Para isso, vamos pensar no que é produzido em cada uma delas (madeira, carvão, ferro-gusa, aço, peças e carros) e qual seu **valor** de mercado comparativamente. Você pode confeccionar desenhos de cifrões para compor nossa cadeia.

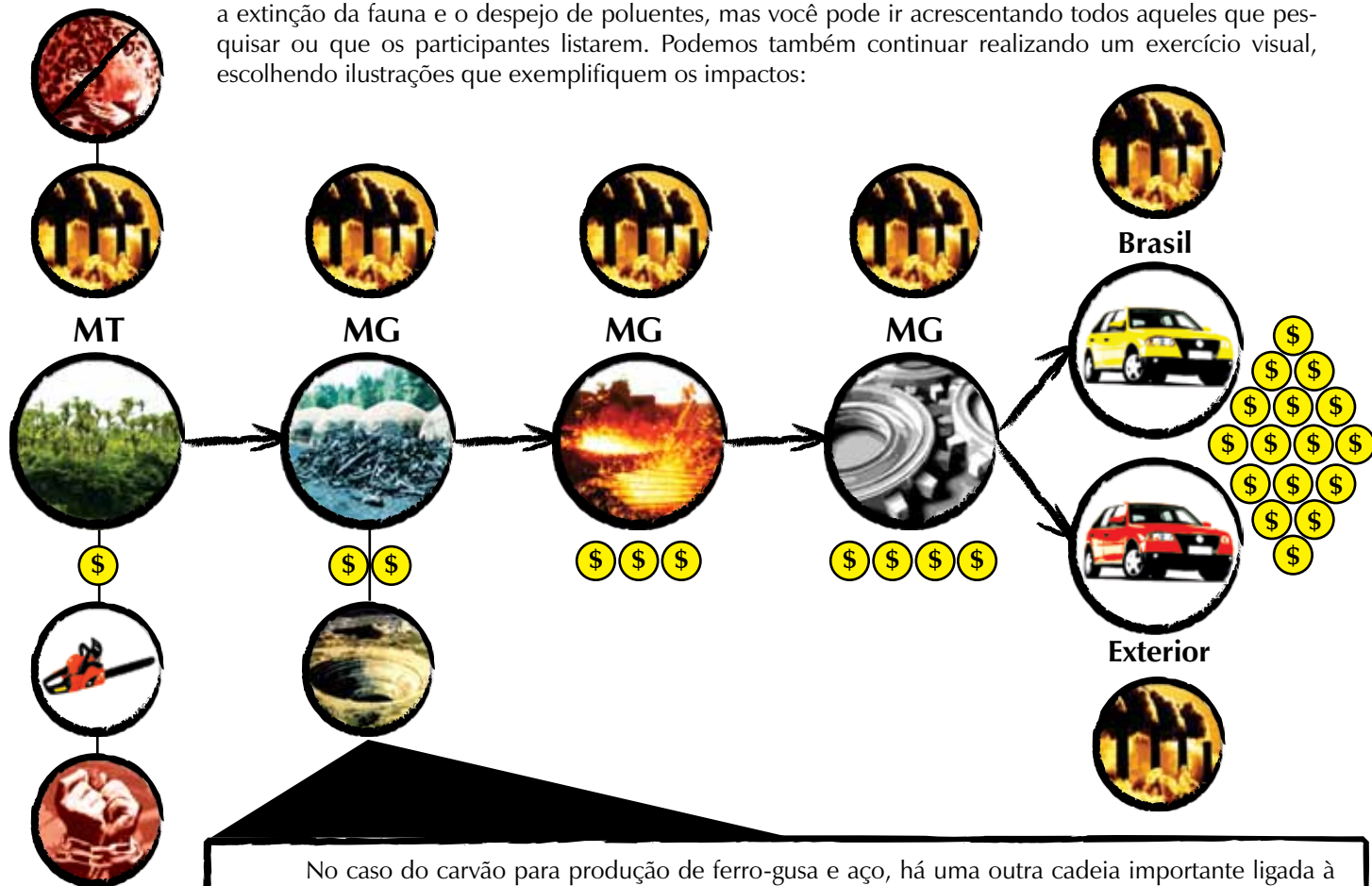


⊕ Consumimos produtos que foram industrializados em outras partes do mundo com matéria-prima brasileira ou mesmo em outras regiões do Brasil com recursos de nossa região? Quanto pagamos por eles?

Segundo passo: onde ficam os impactos?

A) Seguindo a mesma linha de raciocínio, agora é o momento de refletir sobre os **impactos** da produção nos diferentes locais. Neste momento, podemos pensar nos diversos tipos de impacto: ambiental, trabalhista, agrário, etc. No caso do carvão, vamos nos ater principalmente ao impacto ambiental, sem esquecer o caso de trabalho escravo em sua produção.

Quais são os impactos ambientais nas diversas etapas da cadeia? Aqui elencamos o desmatamento, a extinção da fauna e o despejo de poluentes, mas você pode ir acrescentando todos aqueles que pesquisar ou que os participantes listarem. Podemos também continuar realizando um exercício visual, escolhendo ilustrações que exemplifiquem os impactos:



No caso do carvão para produção de ferro-gusa e aço, há uma outra cadeia importante ligada à **mineração**: a extração do minério de ferro. A mineração tem provocado diversos tipos de impactos: ambientais, sociais, trabalhistas. Há a contaminação das águas e do solo, exploração dos trabalhadores que são submetidos a condições extremamente degradantes e perigosas, a expulsão de comunidades onde estão localizadas as jazidas, prejuízos às comunidades tradicionais, como as indígenas, dentre muitos outros.

B) Agora que a cadeia está completa, você pode analisá-la com a ajuda dos participantes.

- ⊕ *A que conclusão podemos chegar?*
- ⊕ *Que posição nossa região ocupa no sistema produtivo? Qual papel ela desempenha?*
- ⊕ *Consumimos o produto final da cadeia, neste caso, o carro? Quanto pagamos por ele?*
- ⊕ *Onde fica a maior parte do lucro?*
- ⊕ *A produção traz impactos positivos? E negativos?*
- ⊕ *Quem lucra mais acaba sofrendo com mais impactos?*
- ⊕ *Vemos outras possibilidades econômicas para a região?*

A mesma atividade pode ser realizada com as outras cadeias produtivas ilustradas nesta cartilha.

No caso da pecuária, é possível relacioná-la com o desmatamento e a grilagem de terras. No caso da soja, com o uso de agrotóxicos e a concentração da terra. No caso da cana, com a sua expansão e redução da área de plantação de alimentos. E assim por diante. E, claro, em todas essas cadeias há a presença do trabalho escravo.

Sugestões de sites

⊕ Carne legal

www.carnelegal.mpf.gov.br/

Campanha do Ministério Público Federal no Pará que fez com que frigoríficos deixassem de comprar das fazendas que tinham produzido carne a partir de desmatamento ilegal ou trabalho escravo.

⊕ Farra do boi

www.greenpeace.org/brasil/Global/brasil/report/2009/6/FARRAweb-alterada.pdf

A publicação do Greenpeace investiga a origem e o destino da carne, pontuando também seus intermediários. No relatório, por exemplo, podemos ver como trabalho escravo, desmatamento ilegal e exportações estão presentes nessa cadeia produtiva.

⊕ Centro de Monitoramento dos Agrocombustíveis

www.agrocombustiveis.org.br/

O site traz relatórios de impactos de diversas culturas destinadas à produção dos agrocombustíveis.

⊕ Conexões Sustentáveis

www.conexoessustentaveis.org.br/

O estudo mostra como São Paulo contribui para a destruição da Amazônia.

⊕ Relatório Planeta Vivo 2010

www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/?26162/Relatorio-Planeta-Vivo-2010

Analisa os impactos do consumo sobre os recursos naturais do planeta.



O **“Escravo, nem pensar!”** é um programa educacional coordenado pela ONG Repórter Brasil. Tem como missão diminuir o número de trabalhadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste aliçados para o trabalho escravo na Amazônia e no Cerrado brasileiros, e difundir o conhecimento a respeito de tráfico de pessoas e escravidão contemporânea como forma de combater essa violação dos direitos humanos. Para isso, o programa realiza formações de educadores, de gestores públicos de Educação e de lideranças populares, produz materiais didáticos e metodologias, realiza e apoia festivais e concursos culturais sobre o assunto, articula a formação de uma rede entre participantes de diferentes regiões do país e apoia o desenvolvimento de iniciativas locais de prevenção ao trabalho escravo.

A **Repórter Brasil** é uma organização não-governamental fundada em 2001 e é uma das principais fontes de informação sobre trabalho escravo no Brasil. Suas reportagens, investigações jornalísticas, pesquisas e metodologias educacionais têm sido usadas como instrumentos para combater a escravidão contemporânea, um problema que afeta milhares de brasileiros. Sua missão é identificar e tornar públicas situações que ferem direitos trabalhistas e causam danos socioambientais no Brasil visando à mobilização de lideranças sociais, políticas e econômicas para a construção de uma sociedade de respeito aos direitos humanos, mais justa, igualitária e democrática.

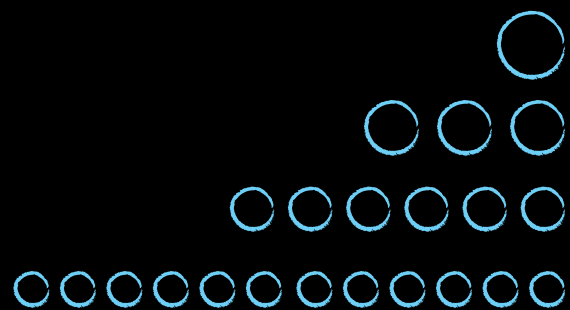
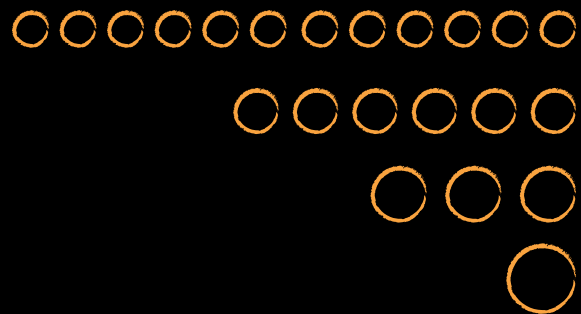
Entre em contato com a gente para mandar sugestões ou comentários:

escravonempensar@reporterbrasil.org.br

**Em São Paulo: Rua Bruxelas, 169 , Sumaré
CEP 01259-020 São Paulo | SP**

**Em Tocantins: Rua Porto Alegre, 446, Bairro São João
CEP 77807-070 Araguaína | TO**





Esta cartilha foi produzida pelo programa “Escravo, nem pensar!” em parceria com a equipe de pesquisas em cadeias produtivas da Repórter Brasil e a Catholic Relief Services (CRS). Seu objetivo é contribuir para a reflexão em comunidades e escolas sobre a produção e o consumo de diversas mercadorias presentes em nosso dia-a-dia.

